

# O SENTIDO ÉTICO-ESTÉTICO DO CORPO NO PENSAMENTO FILOSÓFICO DA GRÉCIA ANTIGA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA<sup>30</sup>

Alex Bittencourt<sup>1</sup>, Larissa Michelle Lara<sup>2</sup>, Dourivaldo Teixeira<sup>3</sup>  
<sup>1,2,3</sup>DEF/UEM; <sup>2</sup>GPCCL – DEF/UEM/CNPq; <sup>3</sup>GEEFE

## RESUMO

Essa pesquisa foi construída com base em reflexões elaboradas a partir de estudos de obras clássicas da Grécia antiga, em especial, dos períodos socrático, sistemático e helenístico, mais especificamente das filosofias platônica, aristotélica e epicurista. O objetivo foi analisar o corpo no pensamento filosófico da antiguidade, buscando identificar os sentidos ético-estéticos e suas implicações para a Educação Física contemporânea. As investigações realizadas apontam para um entendimento de Educação Física permeado do pensamento filosófico antigo, sobretudo platônico e aristotélico, em que se observa o dualismo corpo e alma, a valorização da razão em detrimento do sensível e a busca de uma felicidade que se opõe aos sentidos do corpo.

**Palavras chave:** Corpo, Educação Física, educação, sentido ético-estético.

## INTRODUÇÃO

Partindo da necessidade de entender o processo histórico de construção da educação e pensando na possibilidade de uma educação humanizante é que nos voltamos, nessa pesquisa, para o estudo da civilização grega. Analisar o corpo no pensamento grego da antiguidade, buscando identificar os sentidos ético-estéticos a ele atribuídos nessa sociedade e suas implicações para a Educação Física configurou-se como objetivo principal das investigações, marcadas por incursões teóricas pela história da filosofia.

A escolha da Grécia antiga dá-se pela extensa produção intelectual gerada naquele período, referencial filosófico base para as tentativas de compreensão do humano. Daí o foco nos períodos socrático, sistemático e helenístico<sup>31</sup> e, mais especificamente, as filosofias platônica, aristotélica e epicurista, buscando identificar como os valores ético-estéticos são construídos a partir desses referenciais teóricos e como eles influenciaram a consolidação do processo educativo. Platão, Aristóteles e Epicuro representando, respectivamente, esses períodos, foram selecionados para o estudo porque se inserem no contexto dos períodos históricos mencionados e porque trazem contribuições significativas à compreensão do humano, cuja repercussão se dá de forma incisiva nas investigações sobre o corpo junto à Educação Física.

Foram selecionadas para essa investigação as seguintes obras: *A República*<sup>32</sup>, de Platão (1999), por trazer possibilidades de pensar a cidade ideal e o homem a integrar a *polis*; *Política*<sup>33</sup>, de Aristóteles (1985), sobretudo o livro VIII, pelas reflexões em torno da atividade física, da música e do sistema educacional; e *Cartas sobre a felicidade*, de Epicuro [s.d], pelas reflexões realizadas sobre o necessário

<sup>30</sup> Pesquisa resultante de Iniciação Científica – PIC – desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá (Proc. n. 2675/05).

<sup>31</sup> O pensamento filosófico grego volta-se para o mundo e para o homem, podendo ser interpretado a partir de quatro períodos, de acordo com Marilena Chauí. O período *pré-socrático* (final do séc.VII a final do séc.V a.C.) volta-se para a explicação racional e sistemática da origem do mundo e da causa das transformações da natureza. O período *socrático* (final do séc. V e todo séc. IV a.C.) marca o início de investigações de questões humanas como ética, política e técnica. O período *sistemático* (final do séc. IV a final do séc. III a.C.) sinaliza para a compreensão aristotélica de que as ideias não estão no além, mas na realidade. Já o período *helenístico ou greco-romano* (final do séc. III a.C. ao séc. VI d.C.) volta-se para a ética, para o conhecimento, para as relações homem e natureza, e homem, natureza e Deus. Cf. CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2001.

<sup>32</sup> *A República* integra os diálogos da maturidade de Platão, descrevendo o projeto de uma cidade modelo, em que tudo que representa enfraquecimento e corrupção deve ficar fora dela. Atenta para as ciências necessárias à formação do filósofo e para o bem – objeto último dessa ciência. Descreve o papel do filósofo na cidade-modelo.

<sup>33</sup> A obra *Política*, de Aristóteles, torna-se esotérica por ser a representação de lições proferidas por Aristóteles a seus discípulos, compilações de diversas exposições acerca de temas variados sobre o homem. Divide-se em três linhas gerais: a teoria do Estado em geral e a classificação das várias espécies de constituições (Livros I, II e III); a natureza das constituições existentes e dos princípios para o seu bom funcionamento (Livros IV, V, VI); e a estrutura da melhor cidade (Livros VII e VIII).

para a busca da felicidade e, sobretudo, pela valorização das sensações e do corpo. Tais obras foram analisadas, sendo elencados os aspectos de maior relevância para a pesquisa.

Realizamos a interpretação e análise dos conhecimentos selecionados, visando compreender o corpo e seu sentido ético-estético no pensamento filosófico grego da antiguidade, sem a aspiração de esgotar o tema. Como lembra Carvalho (2001, p.164) a partir das contribuições de Ítalo Calvino, a "experiência única que se quer promover é a do encontro com as fontes que se renovam a cada olhar". Assim, ler e interpretar a obra dos gregos antigos não é tarefa fácil ou simples, haja vista os problemas encontrados com tradução, distância de tempo/espaço, dentre outros. Contudo, como entende a autora, essa leitura e interpretação constituem-se em "desafio precioso" para a formação do aluno, do professor e do pesquisador.

No período *socrático* (final do séc.VII a final do séc.V a.C.), que tem Platão como um dos grandes representantes, prevalecem as ideias de bem, bom, belo e virtuoso. O bom é o que é útil para a felicidade, sendo o bem ligado à felicidade da alma, a tudo o que é ordem e beleza no mundo. O período *sistemático* (final do séc. IV a final do séc. III a.C.) reúne estudos sobre cosmologia e sobre o homem, bem como estabelece critérios de verdade e ciência. Não ocasiona mais rupturas entre mundo das ideias e mundo sensível, como observado anteriormente nas ideias platônicas. O bem aristotélico é semelhante ao platônico, sendo o que traz felicidade. Essa, por sua vez, permeia o campo da vida contemplativa.

Quando a Grécia está sob poder do Império Romano, a *polis* deixa de ser o centro político. Inaugura-se, assim, um novo período histórico – *helenístico ou Greco-romano* (final do séc. III a.C. ao séc. VI d.C.), sendo voltado para a preocupação com a ética, com o conhecimento humano, com as relações homem e natureza, e homem, natureza e Deus.

A busca do entendimento do corpo e de seu sentido ético-estético no pensamento filosófico antigo, bem como as implicações para a Educação Física é o que nos causa inquietação e nos faz objetivar a compreensão do tema. O sentido ético-estético é aqui tratado a partir do processo de construção normativa do corpo que se dá em meio às relações sociais estabelecidas. Pode ser entendido como "o delineamento do humano, como o existir individual e social que leva o homem a internalizar princípios, valores, cultura, juízos (assim como a rompê-los) e a desenvolver sua sensibilidade, racionalidade e capacidade criadora, regendo as relações consigo e com o outro" (LARA, 2004, p. 54).

Assim, partindo da ideia de que situar o corpo na Grécia antiga via construção do processo normativo que o leva a assumir formas distintas na sociedade grega é fundamental para o entendimento do corpo hoje, sobretudo no contexto da educação e da Educação Física, é que esse estudo se concretiza.

## PLATÃO, ARISTÓTELES E EPICURO

Os pensamentos que davam base para o entendimento de ser humano durante, aproximadamente, mil anos (tempo de duração do período clássico), diferenciavam-se pelas transformações econômicas, morais, políticas e/ou sociais da época. No período pré-socrático prima-se pelo corpo do herói devido às inúmeras batalhas existentes no sentido de formar guerreiros fortes e habilidosos para a defesa das cidades ou tribos. Com o fim das constantes guerras, mudam-se as necessidades da sociedade grega e seu padrão ético-estético, uma vez que a agricultura tornou-se o meio de sobrevivência do povo antigo.

Dessa forma, transformou-se também o olhar sobre o corpo humano, que antes valorizava a força e sua ferocidade, passando, nesse momento, a prestigiar o corpo rústico, magro e trabalhador. A realidade da Grécia antiga tinha na organização de suas cidades-estado, em especial Atenas e Esparta, acentuada construção cultural. Com o desenvolvimento dessas cidades-estado, a Grécia, como um todo, recebe grande influência cultural de outros povos, perpassando a educação, a arte, o lazer, o trabalho, entre outras. Isso pode ser evidenciado pelos inúmeros filósofos, pintores, artistas e arquitetos advindos dessas cidades, os quais acabavam dando sua parcela de contribuição para o desenvolvimento do pensar e do perceber o mundo e o humano.

A construção do pensamento grego pela filosofia platônica<sup>34</sup> tem em *A República* seu marco, construída a partir de diálogos entre Sócrates, Adimanto, Trasímaco e Glauco, os quais realizam discussões sobre justiça, homem justo, felicidade, formas de governo, governantes, trabalho, cidade e educação do guerreiro ou cidadão, dos não cidadãos, dos escravos e todos os elos normativos que permeiam as relações sociais, políticas e familiares. O desenvolvimento da obra está atrelada à construção da cidade ideal em justiça, política, trabalho e educação, na tentativa da negação de problemas decorrentes da sociedade da época.

Dentre as inúmeras possibilidades de reflexão que a obra “A República” oferece, detivemo-nos às incursões pela justiça, pelo trabalho, pela educação e pelas relações acerca do sentido ético-estético do corpo. A construção das concepções e dos valores relacionados ao sentido ético-estético do corpo acontece a todo o momento, nas inúmeras e intensas discussões que envolvem a sociedade ideal. O pensamento platônico de “*A República*” é marcado por uma visão parcial do ser humano, uma vez que não dá sua devida importância ao corpo em quaisquer atividades. Nas esferas ética ou estética observam-se concepções de corpo que vêm o físico como paralelo, oposto e inferior à razão. Cabe ao corpo somente a função de complemento da razão, principalmente por ser uma dimensão recheada de vícios imorais para a sociedade e para o humano. Por isso a necessidade de uma educação que adestre e condicione o humano, tendo na parte racional a função de comandar e dirigir decisões e, na física, a sensibilidade para obedecer e contribuir para o avanço da razão. É com esse entendimento de físico, alma, trabalho, educação e política, marcado por visões dicotômicas e, por vezes, anti-democráticas a partir dos privilégios concedidos a poucos, que se busca normatizar as relações sociais, educacionais, políticas, religiosas e morais na sociedade grega do período socrático.

Embora avance em alguns aspectos, o pensamento aristotélico ainda é permeado por muitos valores da sociedade socrático-platônica, o que buscaremos elucidar a partir do período sistemático, em que se situa o filósofo Aristóteles<sup>35</sup>, e de sua obra “*Política*”<sup>36</sup>. Nela são conceituados temas diversos, como as várias formas de governo (monarquia, oligarquia, tirania e democracia), a felicidade, o tipo de vida mais desejável para uma cidade e seus cidadãos, o sistema educacional, bem como as matérias a serem ensinadas e suas finalidades.

Para Aristóteles, a realização plena do ser humano – a felicidade – está na ação, no agir para a utilização plena das qualidades morais. Dessa forma, todas as atividades desenvolvidas para o homem devem vir para contribuir, subsidiar e fomentar as atitudes com relação aos atributos morais, entendidos pelo autor como sendo a inteligência, a coragem, a moderação e a benevolência.

As reflexões de Aristóteles apontam para a política como busca da felicidade, da vivência das qualidades morais expressas pela inteligência, pela moderação e pela benevolência para gerar o amor. Nada mais é do que conviver harmoniosamente para que se possa contemplar o belo e o amor perfeito. Nesse sentido, as relações sociais vêm ao encontro das necessidades sociais da cidade, uma vez que o ser humano é percebido como “animal social” que necessita estabelecer vínculos para sua sobrevivência.

O período helenístico atenta para as transformações ocorridas na sociedade grega, em que o pensamento de Epicuro figura entre as formas de compreensão do humano. O pensamento epicurista dificilmente teria surgido se uma crise na antiga sociedade grega não tivesse sido instaurada, culminando com a dissolução do sistema político da *polis*. É sob essas condições que se inaugura um novo período, marcado pela ausência de conflitos interiores, pelo prazer, pela racionalização dos desejos e pelo equilíbrio e alcance da tranquilidade.

---

<sup>34</sup> Platão – um dos primeiros e principais propagadores do pensamento grego – nasceu em Atenas no ano de 427 a.C. e faleceu em 347 a.C. Autor de várias obras, tem em “*A República*” o grande ensinamento com relação à democracia ideal, construída a partir de inúmeros diálogos organizados por Livros (do I ao X), sendo cada parte referente à discussão de um valor ou conceito para normatização das relações sociais, econômicas, políticas, morais e familiares.

<sup>35</sup> Aristóteles nasceu em Stárgios, na Calcídice (território Macedônio), em 384 a.C., falecendo em 322 a.C. Aos 18 anos ingressou na escola de Platão, sendo autor de, aproximadamente, “quatrocentas obras, das quais restam quarenta e sete, entre as certamente autênticas”. ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1985, p. 6.

<sup>36</sup> Ao se falar de Aristóteles faz-se necessário entender que algumas obras por ele escritas pertencem a uma classe denominada de exotérica, ou seja, que tinha como objetivo a divulgação de seu pensamento para pessoas de fora de sua escola, sendo as outras denominadas de esotéricas, que visavam o estudo em sala de aula, divididas em notas e escritos científicos. A “*Política*” pertence às obras acroamáticas (esotéricas), muito semelhante a notas de aula, sendo organizada em Livros de I ao VIII, subdivididos em capítulos.

Em Epicuro, vê-se um pensamento que se distancia das teorias platônica e aristotélica ao revelar um bem que não é só contemplativo, mas que também se pauta na ação. A moral hedonista coloca-se como fim supremo da vida, e não a racionalidade. A dimensão sensível do humano é buscada, estando nela o caminho da felicidade, sobretudo observando-se a benevolência – bem supremo essencial para o controle dos desejos e seleção dos prazeres. Assim, não há imposição de regras a serem rigorosamente cumpridas, mas possibilidades de enxergar o mundo e que poderão conduzir o homem à felicidade. Esta será alcançada pela vida em um lugar simples, sem perturbações da alma, com saúde espiritual e corporal, logicamente por meio de ações advindas de novas formas de se pensar a morte, o desejo, o prazer, os deuses e o futuro.

A incursão pelo pensamento epicurista nos leva a perceber que essa filosofia não se constitui pela ingerência divina nos fenômenos físicos ou na vida, principalmente por partir do entendimento de que tudo é formado por átomos materiais. Busca o bem que é o prazer, embora não seja “bom” qualquer tipo de prazer. Os prazeres espirituais (e não os corporais) são vistos como os melhores, pois levam o homem a buscar a paz da alma. Prima pela inclusão dos diferentes por meio de uma convivência amigável, hedonista e que conduza à felicidade – tudo em busca do alcance de serenidade, prazer, felicidade e controle dos desejos a partir de uma estética existencial pautada na lógica, na física e na ética. Bom e belo se confundem, posto que se acredita numa estética em que as sensações e as percepções sejam cruciais para o agir racional, valorizando-se tanto a experiência quanto a racionalidade. O corpo é depósito de imagens por onde passa o prazer, e as sensações o critério fundamental de todo conhecimento epicurista.

Pesquisas às teorias platônicas, aristotélicas e epicuristas representam densa fonte de conhecimento para o entendimento do homem, e aqui, em especial, para a Educação Física. Trata-se de um mergulho acadêmico em pensamentos que ainda irrompem fortemente na área, marcados, sobretudo, por uma força argumentativa que convence e seduz, assumindo seu caráter contemporâneo.

## **RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA**

Ao nos voltarmos para o estudo da civilização grega e para a análise do corpo no pensamento antigo, procuramos identificar o sentido ético-estético presente nessa sociedade e suas possíveis implicações para a Educação Física. Por meio de incursões teóricas pela história da filosofia, em especial, a platônica, a aristotélica e a epicurista, foi possível perceber afinidades e divergências nessas linhas teóricas no tocante ao entendimento de mundo, de ser humano, de relações sociais/individuais, de educação, de valores, de conceitos e princípios.

Atentamos para um pensar humano coletivo, excludente, eugenista e extremamente racionalista no período socrático, uma vez que o caminho para a felicidade (para o mundo inteligível) era também o da perda de afeto e o distanciamento do mundo sensível, ou seja, um processo de (des)sensibilização, coisificação e racionalização do sentir e perceber-se corporalmente, já que o corpo e/ou físico, para Platão, era como uma “válvula de escape” por onde deveria sair tudo que pudesse, por excesso ou falta, atrapalhar a caminhada para a contemplação do belo (mundo inteligível).

Já no período sistemático, o olhar para o humano é ainda excludente com relação a direitos, sendo recheado de valorização das qualidades que, no pensamento aristotélico, transformam-se em atributos morais que conduzem à felicidade. Observamos certa valorização do corpo, especialmente em algumas fases da vida, como nos primeiros anos da infância, período em que se desenvolvem atividades corporais e sensitivas, uma vez que o lado racional das crianças não está apto para assumir o controle. Contudo, mesmo entendendo e percebendo esse lado sensível importante na formação do sujeito, o corpo e/ou físico tem papel de dominado, devendo observar as qualidades morais a serem seguidas (inteligência, moderação e benevolência).

Em Epicuro (período helenístico) é possível observar um pensamento que traspasa as fronteiras das cidades-estado, um olhar a sociedade sem exclusão, uma felicidade acessível a todos a partir da desmistificação da morte, do conhecimento e da orientação para os desejos e os prazeres. Trata-se de um pensamento que prima pela ausência de perturbações da alma e pela compreensão das necessidades coletivas a partir dos sujeitos envolvidos numa sociedade, mundo ou cosmo. Epicuro enxerga para além das necessidades materiais e políticas, pois entende como essencial a vida

simples, de tranquilidade espiritual e/ou da alma, de busca da saúde do corpo, bem estar social e individual, além da importância do afastamento da dor e do medo que perturbam a alma na conquista de felicidade.

Pensando nas contribuições da sociedade grega para a educação hoje, sobretudo por meio dos filósofos aqui investigados, percebemos que mesmo tendo a sociedade atual avançado em seu processo democrático, o processo de exclusão e descaracterização da educação continua. Estamos diante de uma racionalidade instrumental que se coloca hegemônica frente a outras formas de racionalidade. Além do mais, a intensa valorização dos aspectos cognitivos em detrimento da sensibilidade gera um tipo de educação que exclui tudo que se situa como “o outro da razão”<sup>37</sup>, como a arte, a música, a ginástica, a dança, dentre outras práticas da cultura de movimento humana.

Mesmo após séculos de história e da ascensão de novos filósofos e suas teorias, os pensamentos platônico e aristotélico não se perderam, sendo, inclusive, assimilados e (re)significados em diferentes contextos sociais, inclusive no educacional, seja ele formal ou não. O lado sensível, tido como (ir)racional, além de ser obstáculo para a felicidade, é algo que deve ser controlado, especialmente por causa de sua intensa revelação na dor, no desejo, no prazer, no finito, na fragilidade, tidos como descartáveis na sociedade, tensões que geram um descontrole não aceito na sociedade do controle.

A Educação Física ainda sofre as pressões de uma visão racional que exclui tudo que pertence à dimensão corpórea do ser, ainda desvalorizada, excluída e marginalizada na educação formal. Tal “pré-conceito”, dentre outros fatores, advém da ruptura entre corpo e alma, da intensa valorização da razão, da forma de se ver as relações sociais somente na esfera da política e economia, e também da felicidade posta em uma dimensão contrária ao corpo e sua sensibilidade.

Ao nos voltarmos para a história da Educação Física, seja na Europa ou no Brasil, percebemos que os pensamentos de Platão e Aristóteles são assimilados e melhor defendidos a partir da revolução industrial e burguesa<sup>38</sup>, momento em que os ideais nacionalistas, (juntamente com o desenvolvimento mercantil e econômico), as concepções higienista e eugenista obtiveram grande ascensão e foram potencializadas em nossa sociedade, tornando essa disciplina “receita e remédio ditada para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade [...]” (SOARES, 1994, p. 10). Era preciso coibir quaisquer outros vícios que afrontassem as normas sociais e impedissem viver as virtudes, o progresso, o mundo inteligível e a construção da sociedade cognitivista, coisificada e insensível, em busca de um suposto bem coletivo.

A Educação Física na escola, nesse momento histórico, serviria, também, como instrumento de exaltação do patriotismo das massas. A educação, sob ideal nacional, estaria aliada ao militarismo preocupado em treinar fisicamente o povo para guerra. Era necessário construir “um projeto de homem disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 53), em busca de afirmação e consolidação dos ideais capitalistas. Tais características nos levam a Platão (1997, p. 97) ao dizer que “não é o corpo, por muito bem constituído que seja, que, por virtude própria, torna pura a alma boa, mas, ao contrário, é a alma que, quando é boa, dá ao corpo, pela sua própria virtude, toda perfeição do que ele é capaz”.

Mesmo na formação dessa nova sociedade impera uma visão de ciência hegemônica e positivista, em que se buscava, meramente pela razão, impor verdades, normas e leis que regimentassem todas as dimensões da vida como, por exemplo, a educação. Assim sendo, a Educação Física esteve em poder da medicina e das ciências biológicas que impuseram (forneceram) a ela uma visão científica de homem biológico (como dizia Aristóteles, “animal político”), sustentando

<sup>37</sup> “No modelo da exclusão, essa estrutura complexa de uma razão subjetivava socialmente partida e, com isso, arrancada da natureza, é peculiarmente desdiferenciada: ‘o outro da razão é a natureza, o corpo humano, a fantasia, o desejo, os sentimentos; ou melhor: é tudo isso na medida em que a razão não pôde se lhe apropriar’”. Cf. HABERMAS, Jürgen. *Discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 427.

<sup>38</sup> A revolução industrial e burguesa, também conhecida como revolução francesa, e batizada de despotismo esclarecido, “[...] derrubou o absolutismo, implantou a república, levou o povo ao poder político na França e semeou uma onda de revoluções liberais na Europa”. BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991. p. 34. No entanto, segundo Quintaneiro, essa nova sociedade “que saiu das ruínas da sociedade feudal não aboliu as contradições entre classes. Unicamente substituiu as velhas classes, as velhas condições de opressão, as velhas formas de luta por outras novas”. QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheimer e Weber*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 50.

“seu conteúdo de ensino, os Métodos Ginásticos, compostos de séries de exercícios elaborados a partir dos critérios rígidos próprios daquelas ciências” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 52). Por exemplo, os sujeitos, naquele momento, deveriam obedecer a teorias e normas do mundo físico, do químico, do biológico e do trabalho, tornando-se, nos dizeres de Soares (1994), seres humanos não antropológicos.

Seguindo o “rastros” do pensamento platônico e aristotélico de corpo, percebemos que a burguesia europeia revolucionária necessitou, ainda, nele investir, embora de forma limitada “para que o corpo nunca pudesse ir além de um corpo de um ‘bom animal’”, já que se buscava “adestrá-lo, desenvolver-lhe o vigor físico desde cedo... discipliná-lo, enfim, para sua função na produção e reprodução do capital” (SOARES, 1994, p. 43). O cuidado com o corpo indicava o cuidado com essa nova sociedade, já que a força de trabalho resultante da ação do corpo é geradora de lucro. Com isso a ginástica, entendida como sinônimo de Educação Física, ganha espaço nas discussões dos poderosos, já que passa a corresponder aos interesses da classe social hegemônica na busca de saúde.

É pertencendo a essa forma “limitada” que a Educação Física é defendida e jogada na escola. Modelos de pedagogia para a área escolar surgiram com os métodos alemão, francês e sueco, que buscavam propagar e cultivar valores e pensamentos de promoção do mundo das ideias, revivificar a raça, “promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir a pátria nas guerras e indústrias) e, finalmente desenvolver a moral” (SOARES, 1994, p. 65), lembrando as primeiras concepções de Educação Física na Grécia, em especial a aristotélica, que dizia que a ginástica contribuía para bravura, força e saúde dos homens, tornando-se alicerce ou ponte para o cultivo das virtudes ou das normas sociais e biológicas.

Na busca de perceber e discutir as aproximações das concepções de Platão e Aristóteles na Educação Física no Brasil, em especial, no seu início, defrontamo-nos com a importação de práticas, filosofias, concepções e pedagogias europeias, ou seja, o transporte da realidade educacional de outro continente para o nosso, tanto para a dimensão escolar como para a social<sup>39</sup> e familiar. Observamos, ainda, o grande investimento no exército nacional devido à preocupação dos colonizadores com a defesa do vasto e rico território brasileiro, sendo até determinado, em 1698, “o ensino e sobre o uso e manejo da artilharia” (FERREIRA NETO, 1999, p. 15). Nas normas de ensino do exército, a instrução física aparecia como componente curricular. Mais tarde, com o aparecimento de sujeitos fracos e analfabetos, o exército necessitou se envolver no processo de educação civil para que se pudesse educar, ou melhor, preparar o povo no verdadeiro espírito militar. Esse pensamento de desenvolvimento da nação, assepsia social, moral e defesa dos mais fortes predominou até por volta de 1930.

No que se refere à escola, há teorias que fundamentam a inclusão da Educação Física a partir de 1930 cumprindo uma função utilitarista. Há semelhanças com as concepções dos países europeus, a exemplo da constituição de 10 de novembro de 1937 que dizia que Estado, associações civis e instituições tinham por objetivo “organizar para a juventude períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da Nação” (BETTI, 1991, p. 67).

A dimensão sensível da Educação Física (assim como na Grécia antiga) continua tendo um papel pré-determinado, devendo adequar-se às qualidades morais exigidas, ao mundo inteligível e à convivência/obediência à razão, tornando-se um projeto burguês de civilidade (em nome da ordem, do progresso e da saúde moral e física da população) objetivando, por fim, a higienização, a eugeniação e a exaltação do pseudo-patriotismo, em nossa sociedade, dando a falsa ideia de coletividade.

Essas reflexões nos levam a considerar que se o pensamento, o conhecimento, os conceitos e princípios criados por Epicuro fossem estudados e potencializados na sociedade hoje, como foram as teorias de Platão e Aristóteles, possivelmente teríamos relações sociais/individuais e educacionais diferentes das existentes, uma vez que o epicurismo não vê a felicidade num âmbito paralelo ao corpo, mas sim na existência de uma relação consciente, prudente e simples entre ambos. Mesmo sem fazer apologia ao hedonismo, entendemos que se o pensamento epicurista tivesse permeado o campo da Educação Física (melhor dizendo, se tivesse figurado na sociedade), possivelmente a prática

---

<sup>39</sup> Práticas, costumes e normas sociais são importadas da Europa para o Brasil, num primeiro momento, com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro e, num segundo momento, com o início da imigração no país.

pedagógica seria distinta, marcada pela valorização das relações tensionais entre sensível e inteligível, entre corpo sensível e razão, e menos pelas deformações causadas pelos estereótipos criados a partir das teorias racionalistas.

Percebemos a importância de se discutir o humano com a ajuda dos filósofos clássicos uma vez que seus conhecimentos e conceitos são evidentemente contemporâneos, possivelmente por causa dessa intensa utilização teórico-filosófica para construção das relações políticas, econômicas, sociais, educacionais, coletivo-individuais e ideais de felicidade, embora em sua grande parte fomentando/fundamentando os novos conceitos, pensamentos e filosofias, algumas vezes pouco percebidos.

Assim, visualizar a Educação Física por esse viés é conduzir o ser humano a uma formação que potencialize a capacidade de refletir o processo normativo como construção cultural que pode ser aceito, negado e (re)significado no contexto da educação a partir das diferentes relações sociais, em sua dimensão corpórea, ético-estética, sensível-racional e estético-expressiva. Tais desafios colocam-se ao educador como forma de transposição das barreiras que dificultam uma prática humanizante na sociedade, na tentativa de transformação do “animal político” (naturalizado pela razão) em “humano político” (construtor e construído pela cultura).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa voltou-se para a análise do corpo no pensamento filosófico da antiguidade e, mais especialmente, para a identificação dos sentidos ético-estéticos a ele atribuídos na sociedade grega, percebendo as possíveis implicações para a Educação Física, pensando na possibilidade de uma educação humanizante, tendo como base os estudos das filosofias socrática, sistemática e helenística.

Num primeiro momento, identificamos semelhanças entre os conceitos de corpo presentes nas filosofias socrática e sistemática e os pensamentos que deram subsídio ao processo de construção da Educação Física. Notamos essa relação no que se refere à forma dualista de ver, entender e sentir o humano, à hipervalorização da razão em detrimento do sensível e do corpóreo e ao caráter compensatório dado às atividades ligadas ao mundo da matéria. Diferentemente, a matiz teórica epicurista, que pregava a busca de sua felicidade e a necessidade da razão, sempre passa pelo campo do sensível, pela relação tensional entre a dimensão das ideias/infinito e o mundo do sensível/finito, revelando a necessidade de um entendimento mais amplo do humano. A visão dicotômica entre corpo e mente, compartilhada por Platão e Aristóteles, em Epicuro torna-se menor, dando ao sentido ético-estético uma forma sensível, finita, corpórea, política e humana.

Ressaltamos, ainda, que a participação e/ou intervenção dos pensamentos platônico e aristotélico nas relações educacionais (sistemática/formal), em especial, nas práticas pedagógicas tradicionais, são fundamentadas, ao mesmo tempo em que são corrompidas por uma compreensão do humano limitada ao mundo físico/biológico, justificado pelas ciências que subsidiavam o conteúdo da Educação Física, pela força de trabalho que gera lucro e pelo racional. Algumas instituições, como afirma Betti (1991), voltam-se para a “disciplina moral e o adestramento físico”, ou seja, para a privação dos desejos e a busca por tudo que não seja pecado ou carnal em nome da ordem e do progresso, transformando os sujeitos em “múmias” racionais/cognitivistas inteiramente insensíveis ao seu corpo, à sua história, à sua própria cultura e “impedindo” que o sujeito busque a compreensão do seu poder de transformação, criatividade, liberdade e força coletiva.

Assim, esse pensar o mundo, o humano e o indivíduo propagaram-se para as relações sociais e familiares. Os sujeitos passam a internalizar e aplicar essas concepções em suas relações, nas dimensões social, política, profissional e pessoal, fazendo com que, rapidamente, essa forma de olhar a sociedade se dissemine e se instaure como meio decisivo para o entendimento da vida cotidiana do ser humano. Os indivíduos acabam por pensar que as relações, as leis, as construções humanas, a desigualdade, entre outros, são impossíveis de se mudar – lei natural da vida em sociedade. Daí a necessidade de uma educação “não-naturalizada” que prime pela luta, pela transformação e pela crença no homem em seu potencial cultural, de autonomia e emancipação.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- CARVALHO, Y. M. de . O corpo para os gregos, pelos gregos, na Grécia antiga. In: SOARES, Carmem (org). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. São Paulo: UNESP, [s.d].
- FERREIRA NETO, A. **A pedagogia no exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950)**. Aracruz, ES: Facha, 1999.
- HABERMAS, J. **Discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LARA, L. M. **O sentido ético-estético do corpo na cultura popular**. Campinas, SP: UNICAMP, 2004. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).
- QUINTANEIRO, T. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheimer e Weber**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SOARES, C. L. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.